

TEXTO E CORPUS EM SEMÂNTICA ESTRUTURAL, DE GREIMAS
TEXT AND CORPUS IN SÉMANTIQUE STRUCTURALE BY GREIMAS

MORAES-LIMA, Letícia¹
Universidade de São Paulo (USP)
leticiamoraeslima@usp.br

LOPES, Ivã Carlos²
Universidade de São Paulo (USP)
lopesic@usp.br

RESUMO. O presente trabalho tem como objetivo recuperar as acepções de texto que se faziam presentes no começo do projeto da semiótica enquanto uma ciência da significação, refazendo os passos da própria teoria. Para esta investigação, escolhemos a obra *Semântica Estrutural* (1976 [1966]), de Algirdas J. Greimas, considerada o marco para o início da semiótica da Escola de Paris. Discutiremos as acepções que sustentam a noção de texto na fundação da semiótica, perpassando por outros conceitos, tais como o de *corpus* e de discurso. O trabalho se insere na discussão sobre a delimitação do objeto da semiótica, propondo-se a explicar como o texto pôde, nos anos seguintes, após a publicação de *SE*, passar de um objeto de substância especificamente linguística para um objeto geral da semiótica, o que resultou em desenvolvimentos na epistemologia, na teoria e na metodologia da própria ciência da significação.

Palavras-chave: Semiótica. Texto. *Corpus*. Greimas. Semântica textual. Epistemologia.

ABSTRACT. This study aims to recover the meanings of text that were present at the beginning of the project of semiotics as a science of meaning. For this, we chose the book *Sémantique Structurale* (1966), by Algirdas J. Greimas, considered the beginning of the semiotics of the Paris School. We will discuss the meanings that support the notion of text in the foundation of semiotics, and also other concepts, such as *corpus* and discourse. The study is part of the discussion about the object of semiotics, and it explains how the text could move from an object of linguistic substance to a general object of semiotics in the following years after the publication of *Sémantique Structurale*, resulting in changes in the epistemology, in the theory and in the methodology of semiotics as a science.

Keywords: Text. *Corpus*. Greimas. *Sémantique Structurale*. Epistemology.

1. Considerações iniciais

¹ Doutoranda em Semiótica e Linguística Geral, no Departamento de Linguística, da FFLCH, na Universidade de São Paulo (USP).

² Docente no Departamento de Linguística, da FFLCH, na Universidade de São Paulo (USP).

Investigaremos a noção que texto assume na obra *Semântica Estrutural: a pesquisa de método*, escrita por Greimas, em 1966, na França, e traduzida para o Brasil em 1976³. O livro é considerado um marco nos estudos semióticos da *Escola de Paris* e nos parece oportuno, por essa razão, a sua escolha para adentrar na discussão sobre a(s) noção(ões) de texto que perpetua(m) o imaginário greimasiano no início do projeto da semiótica.

É importante ressaltar que o texto é considerado como o objeto da ciência da significação e diversas discussões sobre seus limites e contornos teóricos tomam o cenário mais atual da disciplina. Para contribuir ao debate, acreditamos ser necessária uma leitura das principais obras de Greimas, investigando, na história da própria disciplina, as acepções que sustentam a noção do objeto.⁴

A noção de texto greimasiana, em *Sémantique Structurale* (1966), estava mais próxima de um sentido linguístico, diferente daquela que encontraremos uma década mais tarde, na versão original de *Semiótica e Ciências Sociais* (1981 [1976]). Os motivos são mais claros se elucidarmos o contexto do advento de *SE*⁵; publicada em um momento bastante propício para o seu surgimento, em 1966, na França, considerado por Dosse (1992) o ano do iluminismo para o estruturalismo. O período conturbado no qual a linguística se via nas universidades francesas com os estudos do sentido, em especial, a semântica, permeados por um certo psicologismo, fez com que Greimas sentisse a necessidade de um estudo rigoroso do processo da produção do mesmo.

A semântica, considerada “a parente pobre da linguística”, foi a última área a ser desenvolvida, tanto é que até o século XIX a denominação nem existia. Sabe-se que em seu início ela utilizou, por empréstimo, o método de outras disciplinas, como o da retórica clássica e o da psicologia da introspecção, ao invés de desenvolver um modelo científico próprio que desse conta das especificidades do sentido. Poder-se-ia pensar que, com a instauração dos estudos estruturais, a semântica ganharia um corpo teórico mais científico, no entanto, a situação foi outra até a década de 1960; a linguística

³ Usaremos a versão original da obra em francês: *Sémantique Structurale* (1966).

⁴ Esta investigação faz parte da tese de doutorado, em andamento (2016-2020), intitulada “A noção de texto na semiótica”, cadastrada no Departamento de Linguística, da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Dr. Ivã Carlos Lopes (Universidade de São Paulo - USP) e a coorientação do Dr. Sémir Badir (Université de Liège - ULg).

⁵ *Sémantique Structurale* (1966).

estrutural se preocupou primeiramente com as estruturas fonológicas (Escola de Praga) e com a gramática (Escola de Copenhague), o que fez com que a semântica fosse vista com certa desconfiança pelos outros linguistas, já que aparentava não possuir um objeto homogêneo de análise e não poderia, à vista disso, ser submetida à análise estrutural até então desenvolvida e em voga no meio acadêmico linguístico (GREIMAS, 1966).

2. Texto e discurso em *Semântica Estrutural*

Sémantique Structurale é apontada como “a obra fundadora do que viria a ser a semiótica” (J.-C. COQUET, 1985). O primeiro esboço do livro, lembra Hénault (2006 [1992]), foi feito em 1958, mas Greimas precisou refazê-lo por completo depois de destruir quase duas centenas de páginas escritas, episódio que se passa após o semioticista ter lido a versão inglesa de *Prolegômenos*, escrito por Louis Hjelmslev. É notável a influência do linguista dinamarquês no trabalho de Greimas, não apenas pelas citações de *Prolegômenos* presentes em seu texto, mas sobretudo pelo esforço do semioticista em empreender o método dedutivo hjelmsleviano e em elaborar uma teoria descritiva, coerente e imanente. É verdade que a semiótica ainda não possuía o corpo teórico tal como a conhecemos hoje, mas é também inegável que muitas das questões que Greimas e seus discípulos viriam a refletir e desenvolver mais tarde já estavam presentes, de alguma maneira, em *Sémantique Structurale*.

Diante do contexto de sua produção e de seu conteúdo rigorosamente sistematizado, *SE* é considerada o marco do nascimento de uma epistemologia e de uma disciplina que se erigia sob o nome de semiótica na Europa. Greimas inicia o livro descrevendo a significação como o ato mais importante para a constituição do mundo humano, pois esse só pode ser chamado assim “na medida em que significa alguma coisa” (GREIMAS, 1966, p. 5). Sendo a significação o denominador comum de todas as ciências humanas, ele vê a iminente necessidade de estudar o seu processo pelo ponto de vista científico. O semioticista lituano efetua certo esforço para compreender as estruturas transfrásticas e, até mesmo, discursivas, que estão além da análise dos constituintes e dos esquemas das frases (estrutura frástica), dos marcadores linguísticos e das relações entre as frases (estrutura interfrástica), estas, de acordo com Hénault (2006), estudadas pela linguística da época.

Arriscando-se em uma análise que ultrapassasse a frase e a relação estabelecida entre duas ou mais frases, Greimas dirige-se rumo a um todo coerente de sentido, procurando conceitualizar o discurso e o texto partindo do ponto de vista da linguística; o discurso é definido como a manifestação da significação - ao falar sobre as condições necessárias para que a significação seja manifestada, ele propõe que a primeira delas seja a “articulação simultânea dos planos do conteúdo e do plano da expressão, constitutiva do discurso” (GREIMAS, 1966, p. 107, tradução nossa).⁶ Algumas páginas depois, lemos que o discurso “é não somente o lugar da manifestação da significação, mas ao mesmo tempo o seu meio de transmissão” (GREIMAS, 1966, p. 115, tradução nossa).⁷ O panorama traçado nos leva à constatação de que a significação se realiza no discurso.⁸

O discurso é o modo de presença das estruturas da significação no próprio ato da comunicação. A escolha de Greimas pelo termo *ato* pressupõe que haja um ponto de vista, um sujeito que escolhe e exclui certas combinações linguísticas para se fazer entendido. Compreendido como a “manifestação da linguagem” e a única “fonte de informações sobre as significações imanentes a essa linguagem”, o discurso é o lugar de encontro do significante e do significado, momento em que as estruturas da significação são manifestadas na comunicação.

No *acontecimento-comunicação*, ao realizar a junção entre o significado e o significante, ou entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, temos acesso ao que o semiótico chamou de *unidades mínimas do discurso, o fonema e o lexema*. Greimas demonstra sua teoria com alguns exemplos de análise dos sememas e dos eixos semânticos contidos nos lexemas, como é o caso de baixo e alto⁹, evidenciando os resquícios de um Greimas lexicólogo¹⁰ e já apontando o vir a ser de um semiótico linguista.

⁶ “L’articulation simultanée des plans du contenu et de l’expression , constitutive du discours (...)”.

⁷ “(...) est non seulement le lieu de la manifestation de la signification , mais en même temps le moyen de sa transmission.”

⁸ Não há uma distinção clara entre as acepções de texto e discurso até esse momento da formulação da teoria. Para não perder o foco da discussão deste artigo, nos limitaremos a fazer o uso dos termos tais como fez Greimas.

⁹ A oposição *bas vs haut* se estabelece sob as categorias de quantidade relativa, que se articulam em dois semas (grande quantidade vs pequena quantidade), assim como longo vs curto e largo vs estreito. A partir da análise, Greimas irá apresentar um esquema sêmico da espacialidade (Cf. 1966, p.33).

¹⁰ Menção às pesquisas em lexicografia/lexicologia realizadas por Greimas no começo de sua carreira, dentre elas, a sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Paris, em 1948, sob o título *La mode em 1830. Essai de description du vocabulaire vestimentaire d’après les journaux de mode de l’époque*.

O discurso é a manifestação da linguagem, ele dá acesso às significações imanentes de tal linguagem, de tal modo que Greimas irá dizer que o discurso é a *língua-objeto* (GREIMAS, 1966, p. 39), porque permite a manifestação da significação e é, ao mesmo tempo, o seu meio de transmissão. Ao analisar as estruturas das significações, o semioticista se dá conta de que o linguista analista precisará fazer um recorte linguístico no universo semântico e constituir um *corpus*, que seja representativo, exaustivo e homogêneo.

3. Texto e *corpus* em *Sémantique Estructurale*

A palavra *corpus* é citada 109 vezes em *Sémantique Estructurale* (1966). Ao notar o expressivo número de ocorrências do termo na obra, Ablali (2017) ressalta o seu lugar de importância nos estudos linguísticos sobre o *corpus* e lembra que *SE* é costumeiramente negligenciada pelos pesquisadores da área. Na época da publicação do livro, o *corpus* não estava no centro das atenções dos linguistas; foi, apenas, no final dos anos 1970 que o termo apareceu com maior força na linguística francesa, sobretudo com a eclosão dos estudos da análise do discurso.

A discussão é pertinente na medida em que apresenta uma aproximação entre o texto e o *corpus*:

o procedimento que, logicamente, segue a constituição do *corpus* consiste na transformação do *corpus* em texto. O *corpus*, de fato, é uma sequência delimitada do discurso, e, como tal, só pode ser uma manifestação logomáquia, da qual precisamos reter apenas uma das isotopias escolhidas. Entenderemos, então, por *texto* (e por *metatexto* também) o conjunto dos elementos de significação que estão situados na isotopia escolhida e estão cercados dentro dos limites do *corpus* (GREIMAS, 1966, p. 145, tradução nossa).¹¹

No princípio da representatividade, o *corpus* deve corresponder à totalidade do discurso realizado e possível que subentende, isto é, embora seja uma parte do todo do texto, ele é equivalente à totalidade da manifestação. A representatividade do *corpus* é factível porque o texto se fecha sobre si próprio, oferecendo as condições indispensáveis para que o *corpus* represente o seu todo. O segundo critério é o da exaustividade, que se refere à adequação do modelo à totalidade dos elementos implícitos no *corpus*,

¹¹ “La procédure qui, logiquement, suit la constitution du *corpus* consiste dans la transformation du *corpus* en texte. Le *corpus*, en effet, est une séquence délimitée du discours et, en tant que tel, ne peut être qu’une manifestation logomachique, dont il ne faut retenir qu’une des isotopies choisies. Nous entendrons donc par *texte* (et, ce qui revient au même, par *metatexte*) l’ensemble des éléments de signification qui sont situés sur l’isotopie choisie et son enfermés dans les limites du *corpus*.”

“considerado durante o século XIX – e ainda é muitas vezes hoje-, como a condição *sine qua non* de toda pesquisa humanista” (GREIMAS, 1966, p. 143, tradução nossa).¹² Para tanto, é necessário considerar um modelo operatório a partir da sua representatividade e testá-lo em todas as manifestações possíveis até que todas as possibilidades sejam esgotadas ou testadas em um número *x* de porções estatísticas - que seja representativo e possibilite testar o modelo sem que o resultado final seja alterado. A homogeneidade, o terceiro e o último critério, deve ser aplicada, sobretudo, no *corpus* coletivos, para que um conjunto inicialmente heterogêneo seja julgado homogêneo, representando uma única unidade.

A constituição de *corpus* para Greimas vai além de uma “justaposição de fragmentos independentes e díspares”, é preciso que se obedeça a certos critérios no momento da seleção (ABLALI, 2017, p. 89), que garantirão a “homogeneidade” da entidade. Greimas explica a questão da seguinte maneira:

o que permite reunir umas cinquenta respostas individuais em um *corpus* coletivo é o conjunto de características comuns aos textos: seu pertencimento à mesma comunidade linguística, à mesma faixa de idade; e também ao mesmo nível cultural, à mesma *situação de testes*” (GREIMAS, 1966, p. 94, tradução nossa).¹³

O sucesso da análise, sugere Greimas, depende bastante da seleção prévia dos elementos que integram o *corpus*. Após a sua constituição, dá-se início à transformação deste em texto. Sendo o *corpus* uma sequência delimitada do discurso, apenas uma das isotopias possíveis é selecionada; os elementos de significação que sustentam essa isotopia, que tem seus limites cerceados naqueles do *corpus*, são denominados texto. No percurso que parte do *corpus* ao texto, há de se considerar duas condições operacionais: I) a extração de uma isotopia e II) a eliminação dos elementos pertencentes ao campo de significação de outras isotopias. O resultado é um texto isotópico, que funcionará como um inventário de modelos. É comum que a escolha do *corpus* se faça a partir do texto que se deseja descrever e que um único *corpus* contenha vários textos que possam ser analisados consecutivamente.

¹² “Le principe d’exhaustivité a été considéré, tout le long du XIX^e siècle – et il l’est encore souvent aujourd’hui -, comme la condition *sine qua non* de toute recherche humaniste.”

¹³ “Ce qui permet de reunir une cinquantaine de réponses individuelles en *corpus* collectif, c’est un ensemble de caracteres comuns aux textes : leur appartenance à la même communauté linguistique, à la même classe d’âge ; c’est aussi le même niveau culturel, la même << situation de testes >>.”

A significação não é construída signo a signo ou frase a frase, assinala Ablali (2017, p. 90), mas nas relações estabelecidas no interior de um todo; os diversos aspectos semânticos que podem ser evidenciados em uma análise deste todo não são, por sua vez, construídos somente no interior de um único texto; para o pesquisador, a construção se passa no interior de uma totalidade mais ampla, constituída de diversos textos, denominada *corpus*, que estaria para além do texto em si. Parece-nos, contudo, que o *corpus* pode ser ele, também, considerado um texto; não um único texto-objeto específico, mas o conjunto de certos textos-objetos que entretêm relações entre si, obedecendo aos critérios da representatividade, da exaustividade e da homogeneidade propostos por Greimas (1966). O *texto-corpus* é uma totalidade que engloba certos elementos que, ao manterem uma relação mutuamente, podem gerar, a partir da análise, novos elementos. Estes elementos resultantes são textos igualmente.

4. Texto-corpus: o caso *Youtube Kids*

Para melhor compreender a noção de *texto-corpus*, e aplica-la aos gêneros e às mídias atuais, utilizaremos o seguinte exemplo: a plataforma de compartilhamento de vídeos, conhecida como *YouTube*, foi fundada em 2005, na Califórnia, por três jovens, e é uma das principais empresas nascidas na internet atualmente. Essa plataforma gigantesca tem sido obrigada a se adequar à cultura e às regras sociais dos mais de 270 países em que está presente. Uma das principais preocupações dos engenheiros do *YouTube*, na atualidade, é a de produzir algoritmos, que podem ser entendidos como um conjunto de processos lógicos, capazes de detectarem conteúdos inapropriados, tais como o uso de uma imagem sem autorização, pornografia, apologia ao crime, entre outros; os avanços desses algoritmos ajudam, por exemplo, na delimitação e na constituição da seção *YouTube Kids*, que se constitui como um espaço contendo vídeos educativos e de entretenimento apropriados para as crianças e que, por essa razão, não requer a supervisão dos adultos responsáveis.

Depois de diversas denúncias, realizadas pelos pais ou responsáveis dos usuários com menos de 18 anos, constatando a presença de vídeos com conteúdo impróprios para a faixa etária das crianças, a empresa reconheceu a impossibilidade de se usar somente algoritmos no atual estágio de desenvolvimento e contratou especialistas humanos para analisarem os vídeos, detectando, assim, quais deles poderiam ser catalogados com a

etiqueta *YouTube Kids*. Os analistas precisam identificar, entre uma quantidade enorme de vídeos que lidam todos os dias, aqueles arquivos que possuem determinadas características em comum, que os permitem ser considerados como apropriados ao público infantil.

Embora cada um desses vídeos possa ser concebido individualmente como um texto, o conjunto deles, o espaço *YouTube Kids*, é também um texto, ou melhor, um *texto-corpus* para o analista. Há elementos coesivos que ligam todos esses vídeos entre si e os permitem conquistar a classificação livre para as crianças. O conjunto dos vídeos com a etiqueta *YouTube Kids* constitui uma homogeneidade. Não é, somente, a análise de um único vídeo presente no espaço que faz com que ele seja considerado eficiente e seguro para o uso do público infantil, mas a análise, por parte dos especialistas, de todo o conjunto representativo do *corpus*. Desta maneira, a seção *Youtube Kids* pode ser lida como um texto e como um *corpus* para o analista, pois cada um de seus elementos mantém uma relação entre si e constituem juntos uma totalidade homogênea e representativa.

Em uma relação entre o todo e as suas partes, um único vídeo é por si só um texto, um texto-objeto para um analista, e representa, ao seu modo, uma totalidade; ele pode ser analisado em sua imanência sem que se recorra aos elementos externos da esfera textual, compreendida no sentido mais abrangente da expressão. Essa característica lembra a discussão realizada em *SE* pela expressão *clôture du texte* (GREIMAS, 1966, p. 91), que limita a concepção de texto ao universo imanente, como uma condição necessária para que se instaure o ponto de vista científico no estudo da semântica.

5. O *clôture* do texto

O semioticista postula, a partir do estudo das isotopias, um microuniverso semântico e linguístico fechado em si próprio, que não necessita de nada que seja de “fora” do universo da linguagem - ele postula os níveis de pertinência semântica, seus procedimentos e as transformações internas. Esse princípio será basilar na construção da semiótica, que procurará descrever as formas internas da significação do texto e as articulações estabelecidas no microuniverso semântico do discurso.

O texto é concebido, em *Sémantique Structurale*, como um objeto de análise linguístico, definição que será atualizada na década seguinte pelo próprio Greimas. Se

antes o objeto da linguística estava centrado na frase e nas relações entre elas, agora, o texto se coloca como um objeto de análise transfrástica, em um nível discursivo, redesenhando os limites do próprio *corpus* linguístico. Em outras palavras, o limite para o analista deixa de ser centrado na frase, ou nas relações das frases, possibilitando a descoberta de um outro nível de análise, que está para além dos limites impostos pelo domínio frasal, que será essencial para que se pense em termos de uma semiótica enquanto disciplina nos anos seguintes.

Em um estudo histórico realizado sobre a noção de texto na linguística e na semiótica, no contexto da França das décadas de 1970-1990, De Angelis (2015) argumenta que a noção de texto que se apresenta em *Sémantique Structurale* é um objeto construído pela descrição semântica, tratando-se de uma visada linguística da materialidade do objeto. Em síntese, o discurso é compreendido por Greimas como um objeto que deve ser submetido à análise semântica, já o texto é o objeto que emerge da análise e o *corpus* é o que define o conjunto dos textos.

É curioso notar como Rastier com sua semântica interpretativa e Greimas com sua *Sémantique Structurale* fizeram leituras diferentes dos escritos de Hjelmslev, o que culminou na existência de duas perspectivas da semiótica textual, que podem ser consideradas como dois modelos epistemológicos independentes um do outro. De Angelis (2017) observa que enquanto Greimas engendrou um modelo circular, Rastier optou pelo formato espiral; no modelo greimasiano, a análise semântica tem seu início e fim na própria linguagem, enquanto Rastier levaria em consideração as instituições sociais que compõem o texto, nos permitindo situar sua semântica interpretativa em uma semiótica mais geral das culturas.

Considerando os objetivos deste artigo, não é do nosso interesse, neste momento, tecer comentários a respeito da teoria erigida por Rastier e, portanto, nos limitaremos a discutir o que concerne, especificamente, à teoria de Greimas, na observação realizada pela pesquisadora; o modelo circular atribuído a Greimas prevê que a dimensão textual, na qual se desenvolve a análise do sentido, só pode ser uma dimensão intralinguística, o que se explica pelo fato de o texto ser um objeto fechado.

A acepção de texto recorrente em *Sémantique Structurale* é, em vista disso, aquela de texto-objeto dotado de substância linguística de herança hjelmsleviana, isso porque um dos objetivos da obra foi fazer a passagem das unidades mínimas, mais

próximas de uma lexicologia, em direção ao discurso, tendo como estância intermediária a narratividade e, como visada, a semântica dentro do escopo da disciplina da Linguística. O ganho de *SE* para a discussão epistemológica acerca do texto na semiótica é, certamente, o de estabelecê-lo como objeto de estudo de suas pesquisas.

6. Algumas palavras finais

O fenômeno da objetificação abrirá as portas para que o texto ultrapasse a condição linguística e vislumbre para si a generalidade, o que acontece no momento em que os estudos greimasianos assumem a dimensão semiótica em seu interior, transpassando o alcance da linguística. O quadro delineado oportuniza ao texto encontrar o espaço necessário para fazer-se objeto da disciplina que se erigia pelas penas dos teóricos da Escola de Paris, entre a segunda metade dos anos 1960 e o início dos anos 1970.

O fenômeno da objetificação foi a condição necessária para que se passasse, nas décadas seguintes, de uma semiótica do texto para a esfera de uma semiótica textual. Em outras palavras, a semiótica deixará de ser uma teoria do texto linguístico para se assumir como uma semiótica de “todo objeto semiótico” (DE ANGELIS, 2015, p. 9). A passagem é assegurada pela existência da noção de texto (singular) de Hjelmslev (2013 [1943]), adotada na semiótica de Greimas, que tende à visada epistemológica e se apresenta como um objeto abstrato de conhecimento geral, vislumbrando, pela análise, a geração do objeto empírico específico e dotado de uma substância qualquer, os textos-objetos. A expansão da alçada do texto, portadora de uma substância linguística para qualquer outra que seja resultada da enunciação, emancipa a semiótica da linguística, redesenhando um campo de atuação da disciplina.

Referências bibliográficas

ABLALI, Driss. Corpus, texto e gênero em interação em *Semântica Estrutural. Estudos semióticos*, São Paulo, vol. 13, n. 2, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/esse/article/download/141611/136618>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

COQUET, Jean-Claude. L’implicite de l’énonciation. *Langages*, Paris, n. 70, p. 9-14, Jun. 1983. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1983_num_18_70_1149>. Acesso em: 01 ago. 2016.

DE ANGELIS, Rossana. Texte et textualité dans le sillage des réceptions la pensée saussurienne. In: CRUZ, Marcio Alexandre. PIOVEZANI, Carlos. ESTENOIRE, Pierre-Yves (orgs.). *Le discours et le texte: Saussure en héritage*. Paris: L'Harmattan, 2015, Collection Academia, p. 159-180.

_____. Le cercle et la spirale. Deux réceptions de l'œuvre de L. Hjelmslev. In: Zinna, A.; Cigana, L. (eds.), *Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero*, Toulouse, Éditions CAMS/O, 2017, Collection Actes, p. 27-50.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo*. v.1. Trad. Álvaro Cabral. Bauru: Edusc, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966.

_____. *Semiótica e ciências sociais*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981 [1976].

HÉNAULT, Anne. *História concisa da semiótica*. Trad. Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2006 [1992].

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 2^a ed. Perspectiva: São Paulo, 2013 [1943].